



BOLETIM

DA

SOCIEDADE DE GEOGRAFIA

DE

LISBOA

SÉRIE 126^a - N.ºs 1-12

JANEIRO-DEZEMBRO - 2008

SUMÁRIO

LISBOA NA TIPOLOGIA MONETÁRIA // A CERCA VELHA E A CERCA NOVA NA DEFESA DA CIDADE DE LISBOA // D. AFONSO HENRIQUES, PATRONO DO EXÉRCITO PORTUGUÊS, E A CONQUISTA DE LISBOA COMO DIA DO EXÉRCITO // BRASÕES DE ARMAS NA CIDADE DE LISBOA // OS VENCIDOS, OS VENCEDORES E OS OUTROS: UMA APROXIMAÇÃO AOS MOÇÁRABES DE LISBOA // CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE, ECOLOGIA E BIOGEOGRAFIA // HUMBOLDT OU A REFUNDAÇÃO DA GEOGRAFIA CONTEMPORÂNEA // JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS (1858-1941): O MÉDICO, O HUMANISTA E O HOMEM // MEDELLÍN-CONISTURGIS: REINTERPRETACIÓN GEOGRÁFICA DEL SUROESTE DE IBERIA // ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS EUA 2008: UM MOMENTO DE VIRAGEM HISTÓRICO? A COMUNIDADE PORTUGUESA NO BRASIL (NO PRESENTE) // LUSAKA, 7 DE SETEMBRO DE 1974 // OS ÚLTIMOS 40 ANOS DO ENSINO UNIVERSITÁRIO DENTRO E FORA DE PORTUGAL NAS COMEMORAÇÕES DOS 100 ANOS DO INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS E POLÍTICAS EM LISBOA // FACTORES DE DESENVOLVIMENTO NUM CONTEXTO DE DESENVOLVIMENTO E MUDANÇA CULTURAL - REFLEXÕES SOBRE UM CONJUNTO DE CINCO CONCELHOS DOS DISTRITOS DE CASTELO BRANCO (COVILHÃ), COIMBRA (OLIVEIRA DO HOSPITAL) E GUARDA (FORNOS DE ALGODRES, GOUVEIA E SEIA) // A CESARIANA DOS PRIMÓRDIOS AO SÉCULO XIX // ACTIVIDADES DA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DE LISBOA // ACTIVIDADES DA BIBLIOTECA // MUSEU ETNOGRÁFICO DA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DE LISBOA // AS FIGURAS *KORWAR* DO MUSEU DA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DE LISBOA // AS CONTAS *CHEVRONS* DA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DE LISBOA: *ROSETTAS* TRICOLORS (SÉC. XV E XVI)

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO NA S.G.L., R. DAS PORTAS DE SANTO ANTÃO
LISBOA - PORTUGAL

COMISSÃO REDACTORIAL

Pela Direcção

Prof. Doutor Óscar Soares Barata

Cte. Filipe Mendes Quinto

Prof. Dr. Rui António de Agonia Pereira

Pela Comissão das Comunidades Lusófonas

Cte. Orlando Luís Saavedra Temes de Oliveira

Pela Comissão de Emigração

Dra. Patrícia Eugénia Moreno Sanches da Gama

Pela Comissão de Estudos Côte-Real

Dr. Daniel Estudante Protásio

Pela Comissão de Relações Internacionais

Cte. António Manuel Fernandes da Silva Ribeiro

Pela Secção de Antropologia

Dr. António Vermelho do Corral

Pela Secção de Estudos Luso-Árabes

Prof. Doutor António Manuel Dias Farinha

Pela Secção de Etnografia

Mestre Maria Helena Correia Samouco

Pela Secção de Demografia e Higiene Social

Prof. Doutor Fausto José Robalo Amaro

Pela Secção de Genealogia e Heráldica:

Dr. Francisco de Simas Alves de Azevedo

Pela Secção de Geografia Matemática e Cartografia

Prof. Eng. António Diogo Pinto

Pela Secção de Geografia dos Oceanos

C/Alm. José Manuel Pinto Bastos Saldanha

Pela Secção de História

Dr. Rui Miguel da Costa Pinto

Pela Secção de História da Medicina

Prof. Doutor Victor Manuel da S. Machado Borges

Pela Secção de Informação Científica

Nuno Manuel Baptista Múrias

Pela Secção de Estudos do Património

Prof. Doutor Manuel João Mendes da Silva Ramos

Pela Secção Luís de Camões

Prof^a. Doutora Maria Isabel Pestana de Mello Moser

Pela Secção de Ordenamento Territorial e Ecologia

Arqto. José Nicolau de Sousa Tudella

Pela Secção de Transportes

Prof. Doutor João Quaresma Dias

Edição e propriedade

Sociedade de Geografia de Lisboa

Rua das Portas de Santo Antão, 100

1150-169

Tel. 213425401

Fax 213464553

geral@socgeografialisboa.mail.pt

Director

Prof. Doutor Óscar Soares Barata

Editor

Sociedade de Geografia de Lisboa

Tiragem

2000 exemplares

Registo no ICS

0037-8690

Depósito Legal

76867/94

Impressão e Distribuição

Punkte Art

Preço de Venda ao Público/Assinatura (com portes)

Portugal 40.00 Europa 50.00 Fora da Europa 60.00

(Distribuição gratuita para Sócios)

Os artigos publicados no Boletim são da única responsabilidade dos seus autores

Every correspondence referring to the *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa* must be addressed to: Sociedade de Geografia de Lisboa, Rua das Portas de Santo Antão 100, 1150-269 Lisboa, Portugal.

The list of the gifts to the Library or the Museum will be published with the names of the people who offered them.

A selection of the most important gifts will also be mentioned in the Annual Report.

JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS (1858-1941): O MÉDICO, O HUMANISTA E O HOMEM

João Luís Cardoso

Presidente da Secção de Arqueologia da SGL

“Estou a vê-lo, a barba hirsuta, às vezes menos do que modestamente vestido, singelo no trato, acanhado nas maneiras, quasi envergonhado da glória que caminhava com ele, como uma auréola. A maleabilidade e a flexibilidade necessárias no comércio da vida e dos homens, nunca as possuiu; era rude e austero; mas, do fundo da alma, bondoso. (...) Há, todos nós o sabemos, uma espécie de bondade nativa, instintiva, fundamental, peculiar às naturezas simples e delicadas, mesmo que não sejam cultas; e há a bondade que irradia da própria inteligência e que constitui, com ela, o complexo de superioridade a que os velhos romanos chamavam “virtude”. Em José Leite de Vasconcelos, a virtude foi tão digna de veneração como o saber; a excelência do sentimento confundiu-se com a riqueza do espírito, na definição de uma ética superior em que havia, co o em toda a sua personalidade, reflexos da idade antiga. O “justo” igualou o “sábio”.

Júlio Dantas, *in Sessão de Homenagem do insigne sábio e académico Prof. Dr. José Leite de Vasconcelos em 15 de Dezembro de 1941* (Dantas, 1941).

1 – Preâmbulo

Por iniciativa do Senhor Presidente da Secção da História da Medicina da S.G.L., foi o signatário convidado a proferir uma conferência sobre o título em epígrafe, no âmbito das comemorações dos 150 anos do nascimento do ilustre Português.

Aceite o convite, a título pessoal, foi a intervenção prevista depois integrada no contributo da Secção de Arqueologia da SGL à comemoração da efeméride, que a apoiou oficialmente.

O tema proposto, demasiado ambicioso para a curta intervenção oral proferida, conforme o programa acordado, obrigou a seleccionar os aspectos fundamentais dos três tópicos considerados, por seu turno estreitamente relacionados entre si, como aliás não podia deixar de ser.

A iniciativa em causa justificava-se plenamente, pois Leite de Vasconcelos desenvolveu na SGL prestigiante actividade, por via da excelência do seu labor; admitido como Sócio n.º 1674, em sessão da Direcção de 3 de Novembro de 1890, aqui desempenhou vários cargos, primeiro na então designada Secção de Etnografia e Viagens: Secretário (1891); Vice-Presidente (1894 e 1898); e Presidente (1900); depois, na Secção de Etnografia (1916), que sucedeu àquela, da qual, em 1916, foi designado Presidente.

A sua participação na vida da SGL exprimiou-se por contributos publicados de sua autoria. Logo em 1892, sob a égide da Instituição, veio a lume o opúsculo “Sur les religions de la Lusitanie”, publicado pela Imprensa Nacional, resumo de comunicação preparada

para a X Sessão do Congresso Internacional dos Orientalistas que se previa viesse a reunir-se em Lisboa, o que, porém, não se verificou. Mais tarde, no âmbito das comemorações do IV Centenário da chegada de Vasco da Gama à Índia, a SGL promoveu a publicação do primeiro volume de uma das suas obras maiores, as “Religiões da Lusitânia” (1897). Pode, pois, concluir-se que Leite de Vasconcelos contribuiu, de forma relevante e perene, para a vida científica e cultural da SGL.

2 – Porquê o curso de Medicina? Terá a formação de médico influenciado a natureza e o método utilizado nos estudos humanísticos produzidos ?

Como médico, os dados factuais são aparentemente contraditórios: tendo-se matriculado no ano lectivo de 1881/1882 na Escola Médico-Cirúrgica do Porto, ali viria a obter o respectivo diploma em 1886, com a mais alta classificação do seu curso – o que lhe valeu o prémio Macedo Pinto. Após fugaz exercício no Porto, em 1887 assumiu o lugar de Subdelegado de Saúde no Cadaval, terra onde tinha pertences, por escassos seis meses. O s doentes queixavam-se...”Boa pessoa; mas se ele tratasse com tanto carinho e paixão os doentes como trata as pedras!...” (Murta, 1970, p. 396). A Medicina foi definitivamente abandonada logo no ano seguinte, ao tomar posse do lugar de Conservador da Biblioteca Nacional, lugar onde permaneceu até ser contratado como Professor Extraordinário da recém-criada Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em 1911, antes mesmo de obter a equivalência do grau de “Doctorat de l’Université”, obtido na Universidade de Paris, em 1901, com uma tese intitulada “Esquisse d’une dialectologie portugaise”.

O precoce desinteresse pelo exercício da medicina encontra-se sublinhado, se necessário fosse, pela declaração do próprio quando, convidado ilustre das cerimónias comemorativas do I Centenário da Escola onde se formou, declarou, no preâmbulo do opúsculo da Conferência apresentada a 25 de Junho de 1925 “A figa estudo de Etnografia comparativa, precedido de algumas palavras a respeito do “sobrenatural” na medicina popular portuguesa”: “Há 39 anos que me despedi da Escola Médico-Cirúrgica do Porto, cujas tradições vós continuais e honrais. (...) tendo eu saído daqui Médico-cirurgião, acumulado de favores, transviei-me quase logo; e em vez de vos trazer frutos de experiência clínica, que pudésseis aproveitar no vosso exercício, venho entreter-vos uns momentos com assuntos menos práticos, de Etnografia e de História – Desculpai” (Vasconcelos, 1925, p. 5, 6).

Pode, pois, perguntar-se o porquê da frequência do Curso de Medicina. Nada há, na correspondência enviada pelo próprio ou da recebida de familiares e amigos que se consultou, aquando da elaboração da obra fotobiográfica em boa hora publicada sob a égide do Museu Nacional de Arqueologia, comemorativa dos 150 anos do seu nascimento (Coito, Cardoso & Martins, 2008) que nos autorize a qualquer suposição. Assim, torna-se provável que tal opção tenha decorrido mais da ausência de alternativas no Porto, para onde foi trabalhar, ocupando humildes tarefas em estabelecimentos de ensino secundário, ao mesmo tempo que prosseguia os estudos, no colégio de S. Carlos, a partir de 1876. Com efeito, naquele estabelecimento de ensino foi distinguido com a atribuição de um primeiro prémio em Latim, no ano lectivo de 1876/1877, prenunciando já a sua notável aptidão para a filologia.

Aliás, é o próprio que, por omissão, confirma a ausência dessa vocação, ao declarar, em 1882, recém entrado no curso de medicina, o seguinte: “Nascido numa aldeia da Beira-Alta, e tendo passado a juventude em convivência diária com o povo, eu possuía em mim mesmo um bom numero de factos, quando em 1876, dos 17 para os 18 annos, idade em que vim para o Porto, comecei entusiasmado pelo grande movimento scientifico do século, a occupar-me do *Folk-lore*, esboçando e dando a lume os meus primeiros ensaios em 1878 (na *Aurora do Cavado*, de que é redactor o snr. Dr. Rodrigo Velloso)” (Vasconcelos, 1882, p. XI. Nenhuma alusão à Medicina, portanto, muito menos aos seus encantos...

O facto de pertencer a uma família empobrecida da nobreza rural, poderia levá-lo a admitir o seu futuro como médico, profissão de prestígio e que permitia vida relativamente desafogada. Importa, por outro lado, não esquecer a influência familiar, até por possuir ascendentes directos com tal profissão: é o caso do seu avô paterno, Rodrigo Cardoso Pinto (1775-1819), de quem Leite de Vasconcelos diria: “Este meu avô é fama que exerceu a sua arte com muita distinção. Foi Médico do Exército, Médico do Convento de Salzedas, delegado físico-mor do reino” (*in* Coito, Cardoso & Martins, 2008, p. 16).

Na discussão desta questão atente-se na argumentação de A. A. Mendes Correia, que além de ilustre antropólogo e Presidente desta Sociedade, era médico; é assim que ele caracteriza a importância de ser médico, na futura actividade de Leite de Vasconcelos:

“A frequência da Escola Médica do Porto aparece, à primeira vista, como um caprichoso e inútil desvio na trajectória lógica daqueles estudos [a literatura e o latim]. Não penso assim. Humanidades sem biologia humana, estudos clássicos e históricos sem conhecimento concreto do ser humano, dos seus males e sofrimentos, são visões incompletas, lacunares, do homem e das suas actividades, da sua herança genética e cultural, das suas tendências reais”, acrescentando, mais á frente, o seguinte: “A medicina tem uma metodologia, uma disciplina de investigação científica. Facultando, como nenhum outro ramo de saber, a noção da realidade angustiada da dor e do sofrimento, ela visa a luta, por caminhos os mais lógicos e seguros que é possível, contra esses males, contra a doença, contra a morte. O autor das *Religiões da Lusitânia*, era um médico. Porque não? E também porque não poderia esse mesmo médico ser um filólogo? A linguagem é um processo fisiológico e psíquico (...). Porquê, com a sua estruturação científica concreta, objectiva, se deveria recusar ao médico a possibilidade de abordar temas filológicos? (Correia, 1958, p. 305, 306.)

Não parece, contudo, que a formação médica tenha influenciado a sua concepção da ciência e da posição nela da Humanidade. Já em 1977, muito antes de ingressar no referido curso, proclamou a sua declarada adesão ao Positivismo, que a filiação na teoria darwinista, só confirmou poucos anos depois, já no final da frequência do Curso; no livrinho de divulgação “Portugal Pré-Histórico”, declara: “A theoria evolucionista, a que se acham vinculados os nomes illustres de Lamarck e Darwin, - é das mais brilhantes e extraordinárias nos seus factos, das mais fecundas nas suas applicações.

Por ella não só se explica um certo numero de phenomenos (inexplicáveis de outro modo), como, por exemplo, os órgãos rudimentares; - mas o homem adquire um conhecimento mais seguro e mais extenso de si, pois que deixa agora de ser o rei da criação (...) - e

fica, pelo contrário, ocupando apenas um lugar na escala zoológica.” (Vasconcelos, 1885, p. 17).

Quanto à metodologia de trabalho poder-se-ia argumentar, como o fez Mendes Correia, que aquela ficou a dever-se à sua preparação no campo da Medicina, enquanto ciência biológica que é. Para a discussão desta questão, é elucidativo o seguinte caso: ainda estudante, Leite de Vasconcelos elaborou, em 1885, estudo de dermatologia, que foi analisado pelo médico e Professor Juvenal Esteves, em 1949. Admitiu o ilustre clínico que esta área da Medicina o tenha atraído em virtude de proporcionar uma observação directa, rigorosa e sistemática das patologias, conducentes à respectiva classificação, tão ao gosto leitiano. Por outro lado, esta era uma área que favorecia o contacto com as populações, em relação com as patologias observadas: hábitos de vida, distribuição geográfica das doenças, classes etárias e estatutos sociais dos doentes em suma, seriam campos fecundos para “o espírito de naturalista que é bem patente em toda a sua obra de etnógrafo” (Esteves, 1949, p. 194). Pode, pois, concluir-se que, por via da dermatologia, Leite de Vasconcelos obteria o tão desejado contacto directo com as populações, consistindo os estudos naquela área, essencialmente, um meio para a aproximação ao objecto de estudo, a pessoa humana na sua polifacetada realidade.

A importância do método seria, aliás, um dos traços dominantes do seu labor científico, não se afigurando, face ao exposto, justificada a conclusão de tal característica ter sido obtida pela frequência do curso médico, porque fazia seguramente parte da sua personalidade, pois que a vemos aplicada nos mais ínfimos pormenores, como a administração da sua casa, anotando diariamente os gastos domésticos efectuados (Coito, Cardoso & Martins, 2008, p. 243).

Recorramos ainda ao testemunho do Prof. A. A. Mendes Correia, que descreveu na primeira pessoa a impressão que o método leitiano lhe causou: “A propósito de arquivos pessoais, recordo o do erudito Leite de Vasconcelos na sua casa de Campolide, onde tantas vezes o visitei. Ofereceu-me um dia de jantar. Falámos de etnografia da região em que eu passara as férias. No fim do jantar, fez vários verbetes com as minhas informações e distribuiu-os, segundo os assuntos, pelas numerosas caixas do seu ficheiro. Como eu admirasse a grandeza deste, leite disse-me, sem quebra de modéstia: - “Ninguém na Europa tem reunido mais materiais do que eu!” E devia ser verdade!” (Correia, 1946, p. 16).

Fernando de Almeida, que, depois de uma bem sucedida carreira médica, abraçou em exclusividade a de Professor de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, da qual viria a ser Catedrático, evoca pitoresco episódio que envolveu os dois irmãos, também eles futuros médicos e catedráticos da Faculdade de Medicina de Lisboa, um deles ilustre arqueólogo e antigo presidente da Secção de Arqueologia da SGL, Joaquim Fontes e um outro colega, Santa Rita, futuro Professor na Faculdade de Letras de Lisboa: “De outra vez, ao vê-los, aos três jovens arqueólogos, contemplando um ficheiro, o Mestre explicou as vantagens que ele dava.

- “Diz uma palavra”, pediu, dirigindo-se ao Victorzinho. Este respondeu:

- “Perna”.

Imediatamente saíram dezenas de fichas sobre “pernas”. E os rapazes acreditaram nas vantagens (Almeida, 1973, p. 30).

Estes dois episódios ilustram o método rigoroso que Leite utilizou para compilar elementos, relacionar e comparar factos e, enfim, apresentar sínteses, sobre a multiplicidade de simples informações que permanentemente registava nos seus papéis, um verdadeiro quebra-cabeças para os que aceitaram a difícil missão de se constituírem postumamente como seus compiladores e editores.

3 – O Humanista

Já antes de ingressar em Medicina, Leite detinha, no seu currículo importantes contributos publicados no domínio da recolha da Etnografia – é o caso dos artigos primeiramente publicados no Jornal “Aurora do Cavado”, dirigido pelo seu amigo, Dr. Rodrigo Veloso. Esta vertente da sua actividade foi claramente incrementada no decurso da frequência do referido Curso. Com efeito, em 1882 vêm a lume três obras marcantes, as “Tradições populares de Portugal”, volume de 320 páginas, o “Anuário para o estudo das Tradições populares portuguesas”, onde pretendia reunir contributos de “todos os folcloristas portugueses”, e ainda a obra “O Dialecto Mirandês”, que foi premiada no Concurso Filológico da Sociedade de Línguas Românicas de Montpellier. A importância desta última bastaria para alçar o seu nome à galeria dos mais ilustres linguistas portugueses, pois deve-se a Leite de Vasconcelos a glória de ter demonstrado ser o Mirandês uma verdadeira língua românica e não uma mera degenerescência do português. O sucesso do seu estudo encontra-se espelhado nestas palavras, de uma carta endereçada por essa altura ao seu amigo de Elvas António Tomás Pires: “Eu estou ainda mais entusiasmado com a linguística do que com as tradições Populares. Enquanto não explorar todo os dialectos portugueses intra e extra-continentaes não descanço (Cartas de Leite de Vasconcelos a António Tomás Pires, 1964, p. 50).

Importa referir que a “dissertação inaugural” do curso de Medicina (equivalente ao trabalho final, ou estágio, dos tempos modernos), intitula-se “A evolução da linguagem. Ensaio anthropologico”, obra que pode considerar-se de linguística médica, na qual o autor analisa sucessivamente a fisiologia da voz, a produção da fala, seguida da análise da linguagem, abordando, finalmente, a patologia da voz e da fala. Aliás, já em 1884 tinha publicado na revista “A Saúde Publica” artigo sobre a “Patologia da linguagem”.

Podemos dizer, pois, que a linguística descobriu, em Portugal, os seus fundamentos anátomo-patológicos através deste verdadeiro estudo pioneiro de Leite de Vasconcelos, sendo de destacar o método, verdadeiramente transdisciplinar que presidiu à sua elaboração.

O que fazia, pois, mover o ânimo deste homem que, renunciando a ter vida familiar própria, se entregou à colossal tarefa de reunir todas as informações úteis ao conhecimento da sua terra e do povo a que pertencia? Crê-se que era, essencialmente, o prazer que lhe advinha da descoberta e, porque não dizê-lo, o amor devotado à Pátria em que nascera. Foi assim com a identificação e fixação do Mirandês, tal como em tantas outras

situações, brotando da sua personalidade algo reservada e tímida, que lhe conferia ar grave, surpreendentes manifestações de um entusiasmo genuíno e ingénuo. Recorda-se apenas um desses episódios: “O Dr. João de Barros, num francês correctíssimo e elegante, começa a apresentação:

- É-me muito honroso apresentar o Senhor (Monsieur le ...) ao grande Mestre...

- Mas caso inesperado! O Dr. Leite de Vasconcelos que havia descoberto que o sábio belga tinha um alfinete de gravata com um escudo romano, logo no começo da apresentação do Ministro, agarra-se á gravata do sábio e exclama jovial e triunfante: Isto é um escudo romano! Isto é um escudo romano! (Murta, 1970, p. 399).

Foi, pois, o entusiasmo, a paixão e o prazer da descoberta, servido por método inflexível e por disciplina férrea, que cumpriu até o fim, que explica o sucesso da obra leitiana no estudo do povo português, o qual considerava só ser possível, na sua plenitude, desde que se investigassem os seus antecedentes, mesmo os mais longínquos. Tal entendimento explica, aliás, a sua notável actividade arqueológica, especialmente até à conclusão das “Religiões da Lusitânia”, obra publicada entre 1897 e 1913, onde reuniu a informação acerca do passado pré-histórico, proto-histórico e romano, em boa parte obtido pelas suas próprias mãos, ou apoiado nos inúmeros colaboradores de que dispunha, espalhados por todo o país. Com efeito, admitia, contra a opinião de Herculano, as raízes proto-históricas do povo português, conferindo-lhe identidade própria. Essa identidade podia e devia encontrar-se devidamente demonstrada, através da sua obra maior – o próprio “Museu Etnológico Português” – que entendia dever constituir o repositório da herança do Povo Português, nas sua polifacetadas expressões, que numa entrega total, procurou reunir, registar e publicar, ao longo da sua vida fecunda, literalmente até o último alento.

4 – O homem

Como cientista social, Leite desde cedo abraçou o Positivismo, como se verifica pela intervenção efectuada no Colégio de S. Carlos, em 29 de Novembro de 1977: “As ciências, durante os dois últimos séculos e o corrente têm, na verdade, sofrido um adiantamento espantoso... Das ruínas de um mundo velho provém um mundo novo, aureolado e puro; a humanidade passa por uma transformação que nunca supôs” (*in* Guerreiro, 1960, p. 128).

Crete no progresso científico que haveria um dia de libertar o Homem, convicção que repetidamente proclamou, tanto em verso (em “Balladas do Occidente”, 1885, no “Hymno Académico do Porto”, composto a pedido dos seus colegas), como em prosa, já na maturidade da sua existência. Assim, em 1903, declara: “Predominam [nas nossas populações] por toda a parte as ideias religiosas misturadas de superstições de toda a espécie, mas tudo isso vai decaindo. Triunfa, enfim, a ciência, e não virá talvez longe o dia em que os cruzeiros desapareçam dos caminhos, e os homens das montanhas, despindo a capucha e a nisa, desçam a tomar parte no convívio intelectual dos povos cultos” (*in* Coito, Cardoso & Martins, 2008, p. 251). Nada indica que, com o tempo, tenha alterado as suas ideias, nem tão pouco a sua posição perante Deus. Tendo-se confessado em 1938 ao Prior de Barrancos, aquando

da estada naquela vila raiana para estudar o Barranquenho, viria a declarar-lhe: “Sim, eu creio em Deus; não sabendo bem o que vamos encontrar d’além campa, é melhor seguir o caminho mais seguro” (Gonçalves, José de Jesus, Cónego, “O Dr. José Leite de Vasconcelos era crente e confessou-se em Barrancos em 1938”, “Novidades”, Lisboa, 28 de Junho de 1958, in Coito, Cardoso & Martins, 2008, p. 251).

A dádiva total que constituiu a sua vida em prol da Ciência, até quase ao limite do absurdo, especialmente nos anos derradeiros em que “alquebrado, quasi cego, a cabeça esvaída, o velho lutador continuava a resistir” (Ribeiro, 1942, p. 22), só se pode explicar, além de ter constituído um sacerdócio a que voluntariamente se submeteu, pelo prazer fugaz, no momento da publicação de mais um livro, que, como é referido por Orlando Ribeiro, considerava filho do seu espírito, sendo festejado em companhia dos impressores. Esse prazer, resultava mais do sentimento de uma missão cumprida, consubstanciada em um novo contributo para a grande obra que se propusera erguer, oferecendo-a à Nação, do que um triunfo pessoal e mesquinho, só seria próximo do prazer de viajar, que lhe proporcionava novas e sempre úteis informações, por via das quais engrandecia permanentemente o seu caderno de campo, num afã que lhe devorava a existência desde a adolescência. Prova desta actividade criadora, encontra-se registada na forma como recordou, mais tarde, a sua “descoberta” do Mirandês. Vale a pena recordar, uma vez mais, a empolgante descrição que o próprio fez desta descoberta, tantas vezes transcrita de tão bela (Vasconcelos, 1900, p. 4, 5), a que quis associar o nome do jovem que tão providencialmente lhe facultou a descoberta:

“Branco de Castro, reclinado sobre a cama, no seu pequeno quarto de estudante, recitava vocábulos, conjugava verbos, declinava nomes; eu, sentado numa cadeira ao pé, ia apontando fervoroso tudo o que lhe ouvia, e que para mim era como aquellas maçãs de ouro que, segundo um conto popular bem conhecido, saíam da bôca de uma virgem bem fadada quando fallava ao seu noivo.

Dizia ele a principio: “isto é uma gíria de pastores, uma *fala charra*, não tem regras, nem normas!”. Mas, quando eu lhe mostrava que as correspondências d’ella com o latim eram certas, que a conjugação seguia com ordem, ele pasmava, e admirava-se que entre os *cabanaes* de Genizio, e em meio dos *bortos* de Ifánez se pudesse ter feito cousa tão regular como era a lingoa que velhos cabreiros lhe haviam ensinado em pequeno. E também se entusiasmava, e começava comigo a venerar esta desherdada e perdida filha do latim”.

Importa dizer que muitas das suas investigações eram frequentemente incompreendidas na sua época, o que pouco lhe importava (“Trabalhe nas cousas do seu gosto, e deixe zoar a carvalheira, como se diz na Beira”, recomendava ele em carta a António Tomás Pires, em 1906), assumiram-se, mais tarde, preciosos elementos identitários da Nação. Foi justamente o caso do Mirandês, que só foi legalmente reconhecido como língua pela Assembleia da República, através da lei 7/99, de 29 de Janeiro, seguindo a tendência europeia de reconhecer as “minorias linguísticas rurais” como “comunidades de língua regional”, devendo-se sem dúvida a Leite de Vasconcelos um papel determinante na preservação, através da fixação da escrita, ainda no século XIX. Igualmente, muitos dos registos do “Cancioneiro” e do “Romanceiro” foram por ele salvos de uma perda mais do que certa, o mesmo se veri-

ficando com os preciosos espólios etnográficos e arqueológicos, a par das respectivas condições de recolha, que fez transportar para o seu Museu.

Leite de Vasconcelos pautou-se, sempre, pelo rigor e pelo método da investigação, olhando com desconfiança aqueles que praticavam os princípios contrários, que ele designava por “literatos”: “Dos litteratos nem fallemos” (Cartas de Leite de Vasconcelos a António Tomás Pires, 1964, Carta 56, 2 de Abril de 1889, p.97); são bem conhecidas as divergências com colegas como Adolfo Coelho ou Teófilo Braga, tornando-se célebre a polémica que manteve com Cândido de Figueiredo, defendendo com vigor e ironia temíveis as suas próprias ideias. Não se pense, porém, que era um empedernido sábio (palavra que, aliás repudiava). Viu-se já como o podia tocar a emoção da descoberta. Ver-se-á que a sua sensibilidade, pudicamente oculta, poderia manifestar-se da forma mais inesperada, para um observador que apenas atentasse à natureza da sua produção científica.

Aquando de uma das suas muitas viagens ao estrangeiro, que constituíam autênticas peregrinações aos templos mais nobres do saber, onde recolhia sempre preciosas informações e documentos, não deixava de visitar locais que para uma alma apaixonada como a sua detinham forte carga simbólica e emotiva. Foi o caso da sua ida às ruínas da Abadia de Melrose, em 1913, aquando de um périplo pela Europa Ocidental. Àquelas vetustas pedras, Walter Scott tinha dedicado poema que, ainda estudante liceal, muito o impressionara, a ponto de ter publicado tradução, em dois humildes periódicos regionais, o “Campeão de Bouças” e o “Tirocínio”, de 5 de Julho de 1882. É a sua tradução desses versos, republicados em 1915, que a seguir se transcreve:

Se queres ver Melrose, vai lá quando
 Pálida e meiga a lua no ar avulta,
 Pois o clarão do sol, sobredoirando
 As baças ruínas, como que as insulta
 À hora em que nas sombras as arcadas
 Adormeçam; as góticas janelas
 O luar as esbata, e em ondas belas
 Banhe a luz fria as torres derrocadas;
 Sejam os botareus alternamente
 Negros de ébano, brancos de marfim;
 Cada estatua em seu tumulto jacente
 De alvor de prata se revista, e assim
 As volutas que tétricas o exornam
 E a vida à morte semelhante tornam;
 Nas campas pie o mocho funerário,
 E se escute gemer ao longe o Tweed:
 Vai então, e visita solitário
 Os restos da mansão de S. David.

À volta jurarás que nunca viste
Scena alguma tão linda, nem tão triste!

Compreende-se, pois, a emoção do Mestre quando, desembarcando do comboio que o levou a Melrose, percorreu, em escassos dois ou três minutos o caminho que o separava da cena tão pungentemente descrita nos versos de W. Scott, “pois desde então nunca mais eles me saíram do pensamento” (Vasconcelos, 1915, p. 107). Era uma “tarde umida e pardacenta (...) predispunha todavia para a dor o espírito de quem houvesse de embrenhar-se em destroços mortos do passado, para os contemplar em seu vago e emocionante misticismo (...). Percorri em todo o comprimento a rua central da aldeia, e logo, para além de um gradeamento, descortinei em baixo o ambicionado monumento (...), acostado por uma parte a escuros arvoredos, e contíguo por outra a um cemitério, de entre cujas ervas branquejavam lajes de sepulcros salpicadas de letreiros piedosos: pelas gastas ogivas dos claustros como que ainda agora se vêem passar em procissão, macerados dos jejuns e das rezas, os monges cistercienses para quem David 1º (S. David), rei da Escócia, o fundou em meados do sec. XII. Á musa de W. Scott não faltou nitidez nem exactidão. Naquelas pedras, que a vetustez mais santifica, e a lenda popular afunda em mistério, lá estava efectivamente toda a melancolia evocada pelo Poeta!”

A mesma emoção que senti ao descobrir o Mirandês, entrevêmo-la também aqui, na fria Escócia, perante as ruínas impressivas daquela Abadia medieval.

Foi, ainda, essa emoção que sentimos perpassar-lhe pelo espírito, ao descobrir aqui e ali, ao sabor das indicações do povo humilde, vetustas ruínas ou milenárias inscrições falando de deuses e deusas há muito desaparecidos. É ao médico, Prof. D. Fernando de Almeida que se recorre para transcrever o fim de uma Ode composta aquando de uma das suas viagens ao Fundão, causada pelo deslumbramento que lhe causou a descoberta, gravada numa rústica ara de granito, da deusa indígena *Trebaruna* (Almeida, 1962, p.8):

“Eu fiz-te renascer, eu dei-te vida nova!
Quando pois eu dormir p’ra sempre, tu hás-de ir,
Linda deusa beirã, guardar a minha cova,
Embalar o meu somno, a cantar e a sorrir...”

A sensibilidade da sua alma, só conhecida de poucos, encontra-se aqui belamente espelhada, comparável ao terno amor que dedicava à memória de sua mãe, de quem beijava o retrato todas as noites (Helena, s/d, p. 7), tal como à memória de sua noiva, falecida poucos dias antes do matrimónio.

Fernando de Almeida relatou episódio, que lhe foi contado por Manuel Helena, discípulo dilecto que lhe sucedeu à frente do seu querido Museu, que com tanta teimosia e pertinácia conseguiu fundar e engrandecer, ocorrido em uma ocasião, quando Leite, já perto dos oitenta anos regressava de uma viagem de comboio ao estrangeiro: “Aconteceu-me uma grande desgraça nesta viagem!”. Perante a ansiedade do seu interlocutor, confessou: “Esqueci-me de levar comigo o retrato de minha Mãe” (Almeida, 1962, p. 6).

O amor que dedicava a sua Mãe encontra-se evidenciado nas palavras dramáticas e desesperadas, rabiscadas a lápis num pedaço de papel, aquando do seu falecimento: “Sabbado, 16-VI-94 ás 11 h. da manhã O dia mais doloroso da minha vida!! Fiquei só no mundo!” (Coito, Cardoso & Martins, 2008, p. 30).

É ainda o mesmo sentimento que transparece no belo poema, intitulado “Mãe Carme poliglótico (a um poeta que me pediu lhe traduzisse a palavra “mãe” em várias línguas)”, folha belamente impressa em 1912 pela Imprensa da Universidade de Coimbra:

Da Grécia, ao sol que recebeu Apolo,
Sei meter; *máthir* sei da Irlanda fria;
Da Índia, do santo Ganges posta ao colo,
Sei *māta*, - e ela d’isto se inebria;

Da Germânia, em florestas seculares
Meia oculta, onde a Dónar, deus aereo,
Nas arvores há templos com altares,
Sei *múoter*, voz velada de misterio;

Mater do Lacio, que a seus pés suspensa
E submetida vê a terra inteira;
Maire, em trovas volantes, da Provença;
Nai da Galiza, do Oceano á beira...

Nem que em todas as línguas que o homem fala
Eu pudesse ou tentar dizer “mãe”,
Exprimiria, porque nada o iguala,
O eterno encanto que essa ideia tem.

O relato feito por outro dos seus discípulos, Manuel Viegas Guerreiro, quando o funeral conduziu o corpo do Mestre ao jazigo que mandara construir para seus Pais e para si, é também elucidativo: “Entre o caixão de pedra do pai e o da mãe ficou o seu. A lápis, o Mestre venerando havia escrito num o nome de *Pater* e, no outro, o de *Mater*. Faltou só que alguém escrevesse no dele o de *Filius* e *amantissimus*, porque bem o merecera” (Guerreiro, 1960, p. 137).

Sob uma aparência distante e exigente, escondia-se uma alma solitária, expressa na poesia que cultivou quase até o fim da vida, numa existência talvez mesmo infeliz nos seus últimos anos, procurando compensar no trabalho e nos amigos dedicados, a falta de uma família verdadeira. Daí a sua divisa, integrada no seu ex-libris heráldico, com as armas de Cardoso, Melo, Vasconcelos e Pereira, proclamando, na língua de Atenas, uma verdade que era, de todos, o primeiro a cumprir: “No estudar consiste o prazer”. A nobreza do seu sangue beirão não desmerecia a da sua alma.

Bibliografia

- ALMEIDA, Fernando de (1962) – Trebaruna deusa lusitana. *Estudos de Castelo Branco*. Castelo Branco. 6, p.67-74.
- CARTAS de Leite de Vasconcelos a António Tomas Pires. Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa, 1964.
- COITO, L. C.; CARDOSO, J. L. & MARTINS, A. C. (2008) – *José Leite de Vasconcelos – fotobiografia*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia/Editorial Verbo, 319 p.
- CORREIA, A. A. Mendes (1943) – *Em face de Deus. Memórias e confissões*. Porto: Fernando Machado & C^a. L^a. Editores.
- CORREIA, A. A. Mendes (1958) – Elogio do sábio Prof. Dr. José Leite de Vasconcelos. *Boletim da Academia das Ciências de Lisboa*. Lisboa. 30, p. 295-319.
- DANTAS, J. (1942) – Discurso do Presidente Sr. Júlio Dantas. *Sessão de Homenagem ao insigne sábio e académico Prof. Dr. José Leite de Vasconcelos*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, p. 6-8 (separata do *Boletim da Academia das Ciências de Lisboa*, 13, Dezembro de 1941, 56 p).
- ESTEVES, J. (1949) – O Prof. Doutor José Leite de Vasconcelos e a dermatologia. *Amatus Lusitanus*. Lisboa. 7: 4.
- GUERREIRO, M. Viegas (1960) – Notas para uma biografia do Doutor José Leite de Vasconcelos. *José Leite de Vasconcelos. Livro do Centenário (1858-1958)*. Lisboa: Imprensa Nacional, p. 109-137.
- HELENO, M. (s/d) – *Algumas palavras sobre Leite de Vasconcelos*. Lisboa: Oficinas gráficas Casa Portuguesa, 18 p.
- MURTA, G. (1970) – *Evocações*. Lisboa: Edição do Autor.
- RIBEIRO, O. (1942) – Vida e obras de José Leite de Vasconcelos. *Portucale*. Porto. 15, p. 3-17; 41-62.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1882) – *Tradições populares de Portugal*. Porto: Livraria Portuense de Clavel & C^a. – Editores.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1885) – *Portugal Pré-Histórico*. Lisboa: David Corazzi, Editor (Biblioteca do Povo e das Escolas, número 106).
- VASCONCELOS, J. Leite de (1900) – *Estudos de Filologia Mirandesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1, 489 p.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1915) – *De Campolide a Melrose. Relação de uma viagem de estudo (Filologia, Etnografia, Arqueologia)*. Lisboa: Imprensa Nacional, 183 p.